

**FACULDADE MACHADO SOBRINHO  
PROF. LEANDRO DE ALMEIDA SILVA  
RESENHA**

Girardet, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo. Ed. Cia das Letras, 1987.

Ao longo do século XIX a História Política gozou de um forte prestígio no meio acadêmico. Porém, a partir das primeiras décadas do século XX ocorre um processo de declínio desse tipo de concepção historiográfica. A “*Escola dos Annales*”, nos anos 20, iria dar impulso a um profundo movimento de transformação no campo do conhecimento histórico. Em nome de uma *história total*, uma geração de historiadores passou a questionar a hegemonia do político e a defender uma nova concepção de história onde o econômico e o social deveriam ocupar lugar fundamental.<sup>1</sup> No entanto, diante de tantas obras clássicas produzidas, em busca de refletir sobre a relevância dos temas políticos, contrapondo-se ao clima acadêmico em questão, Girardet avança no sentido de procurar rever toda a tradição de regularidade do pensamento ocidental, que impedia gerar percepções novas sobre as nuances da arena política sendo incapaz de observar os diversos tipos de flexibilidades políticas dos diferentes atores em situações específicas de determinados processos históricos.

Os eixos temáticos da obra, “*Mitos e Mitologias Políticas*” procuram destacar que a narrativa legendária exerce uma função explicativa fornecendo subsídios para a compreensão do presente. O mito pode ser a expressão do jogo complexo de associações visuais que ele mesmo representa, pois como afirma Levi-Strauss “*não existe limite para uma análise mítica, uma vez que os temas desdobram-se ao infinito*”. As dimensões míticas são variadas devido ao seu caráter poliformo. Por outro lado, o mito só pode ser compreendido se é intimamente vivido, mas vivê-lo impede dar-se conta dele objetivamente.

Em busca de dar maior sustentação às suas análises, Girardet divide a sua obra em temas que refletem situações que simbolizam os diversos momentos míticos. Nesse sentido, o autor analisa uma imensidão de mitos: o *Mito da Conspiração*, que se destacou por leituras historiográficas que enfatizavam os processos revolucionários como embuídos de complôs, assunto que não destacaremos nessa resenha, mas sim em

---

<sup>1</sup> Ver em artigo de Marieta de Moraes Ferreira “A Nova “Velha História”: O retorno da História Política no site da FGV.

maior importância o *Mito do Salvador*, o *Mito da Idade de Ouro* e o *Mito da Unidade*. Através de exemplos de personagens e fatos históricos fundamentam-se alguns dilemas historiográficos relativos às fabricações míticas, em busca de atender jogos de interesses de várias épocas históricas.

Uma das grandes inovações de Girardet consiste em classificar *quatro modelos* estruturais de análise dos mitos políticos. Vejamos: o primeiro modelo é o de *Cincinnatus*, o “*homem de status histórico*”, destacando-se exemplos como Pétain, em 1940, e em grande medida Charles de Gaulle, em 1958. O segundo modelo é a expressão da visão do conquistador simbolizado por *Alexandre “O Grande”*. O terceiro modelo, o legado do imaginário *legislativo*, cujo baluarte histórico, centraliza-se na figura de Sólon, da Grécia Antiga. Por último, um quarto modelo, que enfatiza a questão *messiânica* celebrada na figura bíblica do Moisés-profético.

A riqueza da obra também está ligada ao fato de propor modelos explicativos históricos buscando argumentos em situações da história da França justamente em suas fases mais célebres, tendo como período de maior envergadura a “*Filosofia das Luzes*”, em pleno século XVIII. O leitor terá, provavelmente, a oportunidade de verificar como tais modelos podem ser analogamente interpretados à luz da realidade de países diferentes. Decodificando os modelos, podemos assim fazer uma discussão de como o autor disponibiliza uma grande fonte de pesquisa historiográfica para análises do político.

A despeito desses modelos propostos, como mestrando em *História pela Universidade Federal de Juiz de Fora*<sup>2</sup>, considero extremamente importante que a obra do autor citado possa facilitar o universo de análises para quem se propõe a estudar assuntos vinculados à política propriamente dita.

No que tange ao primeiro Modelo exposto por *Cincinnatus*, o prisma de reflexão enfatiza que a imagem legendária é, de qualquer modo, a de um velho homem, que se tornou ilustre em outros tempos nos trabalhos de paz ou de guerra. Exerceu com honra altos cargos, grandes comandos, depois escolheu um retiro modesto, longe do tumulto da vida pública. Tal homem é dotado da *gravitas*, que se define na firmeza, na provação, na experiência, na prudência, sangue-frio, no comedimento e na moderação.

Já o segundo modelo, conhecido como modelo de Alexandre, revela a precipitação da glória: *a celeritas*. O arquétipo de *Cincinnatus* estabelece simetria com o

---

<sup>2</sup> Ver site da Universidade Federal de Juiz de Fora [www.mestradohistoria.ufjf.br](http://www.mestradohistoria.ufjf.br) (Corpo discente- alunos de 2007)

de Alexandre. Este não traz nem o cetro, nem o símbolo da justiça real, mas a espada. Girardet, a partir desse momento sinaliza a importância da imagem do jovem Napoleão Bonaparte, vencedor das duas campanhas da Itália, de 1795 e de 1800. Nesse tipo mítico, a vigorosidade do herói é deixada para a posteridade como essencial e explicativa.

O terceiro modelo mostra a imagem do homem providencial. O arquétipo de Sólon, o legislador, vem substituir o de *Alexandre, o conquistador*. É em nome da fidelidade às leis que se dita, da conformidade aos princípios que estabeleceram ou às instituições que fundaram que se pretende corresponder às interpretações do presente. Segundo uma forte passagem do livro o terceiro modelo “*se expressa através da uniformidade em um mesmo tipo de representação, a cabeça erguida e grave, a fonte serena, o olhar seguro, as mãos pousadas sobre os textos que garantem a perenidade de sua glória, suas imagens entulham todas as encruzilhadas de nossa história.*”<sup>3</sup>

Destaco como uma das análises mais contundentes do livro a explicação do quarto modelo, que decodifica a imagem do Salvador à luz de Moisés ou paradigma do profeta. Na minha visão a síntese desse último modelo concatena a imagem do Salvador como anunciador dos tempos por vir e plasma a leitura da história de um determinado “senso comum”. Sem dúvida, o messias é conduzido por uma espécie de impulso sagrado, guia seu povo pelos caminhos do futuro. É um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente, uma voz, que vem de mais alto ou de mais longe, que revela o que deve ser visto e reconhecido como verdadeiro.

É de total validade a observação do autor acerca da figura do herói. Na leitura feita a impressão que tenho é que normalmente o herói é associado a símbolos, que servem para legitimar mais ainda a sua figura histórica, que se torna efetivamente consagrada. Interessante colocação na livro consiste em encarar o *poliformismo* dos heróis, que podem expressar leituras diferentes em diferentes situações da história, muitas vezes, exprimindo sinais opostos. O ideal é que o mito ganhe uma amplitude, pois quanto mais se estende por um largo espaço cronológico e se prolonga na memória coletiva, mais se deve esperar, aliás, ver os detalhes biográficos, as características físicas. Nas palavras colocadas por Girardet “*se o mito não pode deixar de conservar a marca da personagem em torno do qual ele se constrói, se, engrandecendo-os, tende a assegurar através do tempo a perenidade dos traços*

---

<sup>3</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*, pp. 70 à 86.

*específicos que são os de sua fisionomia, não pode deixar, por outro lado, de depender ele próprio, em sua forma como em seu conteúdo, das circunstâncias, historicamente delimitadas, nas quais é elaborado.”*<sup>4</sup>

Uma das grandes contribuições do autor é analisar o quanto os regimes em suas *transições* expressam verdadeiras *crises de legitimidade e crise de identidade*, que podem fazer uma revolução na destruição, manutenção ou fabricação dos mitos históricos. Na sua visão a passagem de um estado de certeza a um estado de perturbação ou de angústia, de um estado de adesão a um estado de alienação, toda a crise de legitimidade aparece, de fato como inseparável de um traumatismo psíquico perceptível tanto a nível individual como a nível coletivo.

Em um outro campo de análise, um dos enfoques do livro é o estudo sobre a “Idade de Ouro”, que tem seu início no final do século XVIII. O momento era marcado pelos movimentos nacionalistas que vão simultaneamente abalar o velho edifício estatal europeu. A “Idade de Ouro” é calcada em dois temas: o valor da inocência e de pureza por um lado e o valor da amizade, de solidariedade, de comunhão, por outro. Para justificar suas assertivas o autor trabalha com diversos exemplos da França, do século XVIII, no governo jacobinista de Robespierre. Baseado na filosofia rousseauiana o “*período do terror*” foi consolidado e alguns ilustres daquele período deixaram sua marca na história. No tema ligado a pureza das origens, Saint-Just simboliza o desejo de reencontrar, mediante a instauração de uma nova ordem política e social, uma pureza original inspirada nos grandes exemplos da Antiguidade clássica. O “terror” francês estimulava a restauração da moral e a educação foi voltada para atender aos cidadãos, no sentido amplo.

Um outro enfoque dos revolucionários jacobinos era a rejeição à cidade e um apego ao campo, o que teve como fonte, mais uma vez, o pensamento de Rousseau, que dizia que “*os homens não são feitos para ser amontoados em formigueiros. Quanto mais se ajuntam, mais se corrompem*”. Portanto, dá-se a impressão que as cidades são um abismo da espécie humana. Na leitura rousseauiana a cidade moderna é captadora de energias, redutora das almas e corruptora dos corpos.

Nesse clima de busca dos refúgios esquecidos, os revolucionários utilizam o argumento da *Unicidade* visando atender aos seus interesses no Estado, como falava Rousseau: “*a festa continua sendo o momento excepcional do encontro, da fusão dos*

---

<sup>4</sup> GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas, p. 82.

*espíritos e dos corações*”. Dos temas literários da época da Revolução Francesa a festa sempre era colocada no sentido de ser recuperada. A síntese daquele momento histórico evidenciava que a sacralização do passado nunca está muito afastada do anúncio do profético de seu renascimento. O *mito da Unidade* expressava uma vontade Una e Regular. O autor comenta que quase todas as fundamentações míticas do século XIX perpassavam a discussão da nacionalidade. Como exemplos históricos sobre o tema da Unidade colocada em objetivos distintos o autor cita: Charles Fourier que proclamava “*a multiplicação dos festins coletivos em clima de harmonia e coesão da comunidade*”. Michelet que em sua obra “O Banquete” exaltou “*o milagre da associação das pessoas na festa entrelaçados por corações eternos*”. Danton , o homem que dizia que um dos sonhos fantásticos seria esperar que todos pudessem se sentar no mesmo Banquete. Bossuet, que na época do Absolutismo falava que “*fora da Unidade a morte era certa*” e Comte que afirmava o “*desejo da unidade comum*”.<sup>5</sup>

Enfim, o autor termina o seu trabalho deixando claro a importância incessante na renovação de formas, de signos e de símbolos como elementos norteadores da análise histórica. Girardet enfatiza que é preciso acreditar na superioridade criadora da inteligência, em sua incomparável capacidade de invenção e de renovação, pois tudo pode passar por ser mutável.

---

*Leandro de Almeida Silva*  
*Juiz de Fora, 29 de Fevereiro de 2012.*

---

<sup>5</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*, pp. 141 à175..